

DEZ MARCOS DA FORTUNA CRÍTICA DE FERNANDO PESSOA

Caio Gagliardi (DLCV)

Desde a sua primeira geração crítica, estruturada em torno da revista *Presença* (1927-1940), até hoje, houve um aumento vertiginoso nos trabalhos sobre Fernando Pessoa e nas edições de sua obra. A tarefa de selecionar dez estudos a seu respeito impõe um recorte radical daquela que é, provavelmente, a mais extensa fortuna crítica de um escritor moderno em língua portuguesa. Tão impossível quanto não deixar de fora referências fundamentais, seria incluir a todas numa relação que se quer sumária e orientadora. Não pretendendo ser aqui taxativo ou exclusivista, proponho uma lista de dez marcos críticos, que prioriza dois critérios de seleção: a importância histórica das obras e a proposta de uma leitura global da poética pessoana.

Cabe lembrar que Pessoa foi centro de atenção de muitos dos principais estudiosos da literatura portuguesa do século XX. Alguns trabalhos, realizados há décadas, como *A Fortuna Crítica de Fernando Pessoa*, de Eduardo Lourenço, ou, mais remotamente, *Fernando Pessoa e a Crítica*, de Adolfo Casais Monteiro, tratam de realizar, de forma sintética, um histórico das diferentes abordagens da obra pessoana no decorrer do tempo. Embora não se prenda a eles, a presente seleção se enriquece, sem dúvida, desses breves panoramas, e apresenta os vícios e as virtudes do gosto pessoal e do período em que foi elaborada.

▲ **COELHO, Jacinto do Prado Coelho. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1949.**

Originalmente uma tese do professor Jacinto do Prado Coelho, este volume é a primeira grande obra crítica sobre Fernando Pessoa e, até hoje, uma de suas melhores introduções. Retornar a seu trabalho seminal é uma tarefa que recompensa o leitor com a surpreendente atualidade de muitas avaliações e com uma consistente visão geral da obra do poeta, a despeito do estado ainda muito incompleto em que esta se encontrava nos anos 1940.

Passando sinteticamente por Caeiro, Reis, Campos, os poemas ortônimos do *Cancioneiro* e *Mensagem*, e pelo pouco que se conhecia, até então, de Soares, Prado Coelho procura, nessa diversidade, os motivos centrais da poesia (como os binômios realidade/ilusão e ser/parecer, ou a dor do pensamento). Após indicar os aspectos estilisticamente comuns às diferentes instâncias poéticas, passa, finalmente, a refletir sobre o drama da criação pessoana. O que o move é, portanto, a procura por uma unidade essencial implícita na diversidade heteronímica. Essa unidade reside, segundo o crítico, no tédio proveniente da especulação abstrata, no amargor da derrota que advém do problema comum às variegadas formas pessoanas de expressão: a busca impossível por uma equação que inclua a aflitiva aspiração ao absoluto e o implacável ceticismo. A constante inquietação metafísica de Pessoa manifesta-se, afinal, segundo um antagonismo entre a intuição do oculto e sua corrosiva lucidez. Este o drama, a motivação profunda, que se confirmará numa análise ágil e que se pretende imanente, ou estilística, dos textos – à distância do psicologismo que se impôs nos anos seguintes da recepção pessoana.

▲ **SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa: história duma geração*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1950.**

Embora atualmente menos frequentado pelos pesquisadores de Fernando Pessoa, e tendo sido massivamente condenado pelos críticos de seu tempo, o colossal estudo de João Gaspar Simões apresenta-se, quando encarado a muitas décadas de sua publicação, como uma obra repleta de intuições argutas, muitas delas desenvolvidas posteriormente por outros críticos, de grande fôlego narrativo, descritivo e ensaístico. É raro nos depararmos com uma abordagem relevante na tradição crítica pessoana que não dialogue com *Vida e obra*. Empreitada de alto risco, este livro é, ao mesmo tempo, um marco e uma fonte de polémicas. Não se trata apenas de contar, ou deduzir, uma biografia, mas de abordar a poesia, as cartas, a personalidade, o misticismo, as reflexões políticas e a gênese heteronímica, que foi uma obsessão para o crítico. Além disso, o livro traça em linhas gerais a história da primeira geração modernista em Portugal, constituída por aqueles que mais ou menos diretamente permaneceram em torno da revista *Orpheu*. Num nível

meramente biográfico, *Vida e obra* suscita reservas, devido ao seu caráter anedótico (diria "romanceado", o próprio Gaspar Simões). O psicologismo causalista leva o crítico a inferir dados biográficos com base no texto literário. Em contrapartida, a literatura é encarada como projeção direta da vida. Uma crítica explicativa acaba por reduzir o texto a motivações externas, entre as quais avultam a nostalgia da infância, o complexo de Édipo e o medo da loucura. Como resultante desse freudismo simplificado, temos uma imagem um tanto punitiva de Pessoa. É ainda importante notar que Gaspar Simões faz recorrentemente juízos estéticos, boa parte deles perecível com o tempo, por estarem embasados no pressuposto evolutivo, o que relega aos poemas iniciais um papel secundário com relação aos poemas da maturidade de Pessoa. Por outro lado, o ineditismo do trabalho a que o crítico se propôs, especialmente por sua riqueza de fontes, o brilho de muitas passagens e as proporções a que chegou foram de inestimável contribuição à fortuna crítica pessoana. Apesar das conhecidas reservas feitas por Eduardo Lourenço a este livro, é dele a avaliação de que, com *Vida e obra*, o crítico presencista teria construído "a primeira e, em certo sentido, definitiva imagem de Fernando Pessoa".

▲ **MONTEIRO, Adolfo Casais.** *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa.* Rio de Janeiro: Agir, 1958.

Adolfo Casais Monteiro não escreveu propriamente um livro; trata-se aqui de uma reunião de ensaios sobre Pessoa, bem menos pretensiosa do que a obra magna de seu companheiro de geração presencista, João Gaspar Simões, mas menos modesta do que possa aparentar seu título. Esta coletânea reúne estudos escritos em mais de uma década, que abordam a poesia de Pessoa, a sua relação com o modernismo em Portugal, o sentido mais geral de sua "obra", a crítica sobre o poeta e a gênese heteronímica. Tudo realizado de um modo conciso, sem detalhismos ou caráter documental. O crítico se nega a impor à poesia uma lógica externa, reconhecendo o "gênio" como princípio básico de seu trabalho; apesar disso, a imagem que constrói de Pessoa é difusa num excesso admirativo. Pode-se dizer que, em certo sentido, este é um livro que nega o tanto que afirma, que adverte ao mesmo tempo em que enaltece, pois transparece, em alguns momentos, o esforço de Casais Monteiro por sair

da sombra de *Vida e obra*. A bem considerar, em muitos momentos sua leitura de Pessoa é uma resposta à leitura de Gaspar Simões. Ocasionalmente, o crítico dá indícios de que pretende operar uma reviravolta na perspectiva crítica anterior, calcada em um psicologismo causalista, apontando para uma leitura mais textual do fenômeno, e baseando-se na filosofia da arte de Jung e na noção eliotiana de modernidade. Mas são apenas lampejos que não apagam de sua crítica o interesse vincadamente presencista pela gênese heteronímica, discutida segundo as claves da "sinceridade" e do "artifício", que se constituíram como os pontos de referência dessa primeira geração crítica.

▲ **LIND, Georg Rudolf. *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto: Inova, 1970.**

O crítico alemão Georg Rudolf Lind teve acesso a centenas de originais críticos e teóricos de Pessoa, que estabeleceu e reuniu, juntamente com Jacinto do Prado Coelho, nas *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias* (1965). Em *Teoria poética de Fernando Pessoa*, o resultado hermenêutico dessa empreitada é a construção da imagem de um poeta moderno, dividido entre o fazer e o refletir sobre a própria poesia. Nesse percurso, realizado a partir da depuração teórica do manancial psicobiográfico de Gaspar Simões, Lind explora os heterônimos a partir de suas possíveis estruturas de pensamento: o paganismo em Caetano, o neoclassicismo em Reis, o sensacionismo em Campos e o caminho alquímico em parte do ortônimo. Suas ponderações sobre o processo criativo de Pessoa – em especial as noções de fingimento e despersonalização, abordadas como reações antirromânticas – em paralelo com a concepção poética de outros autores-críticos modernos, são de grande valor para a compreensão da poética pessoana. Embora a concepção-chave de seu livro tenha surgido na biografia de Gaspar Simões, para quem “as ideias do Fernando Pessoa crítico são como a guarda avançada da sensibilidade do Fernando Pessoa poeta”, ela tem aqui um alcance mais amplo. Torna-se fundamental para Lind considerar Pessoa um autor programático, ou seja, um autor cujos versos derivariam de um programa previamente concebido. A exemplo do que se verifica em Gaspar Simões, a perspectiva do crítico é fundamentalmente teleológica, ao considerar as divagações iniciais e o pensamento especulativo de Pessoa como pontos de partida para a evolução poética posterior. A primeira impressão deste livro é de uma clareza

meridiana, que vai, no entanto, tornando-se suspeita à medida que se nota que as análises dos poemas são realizadas sempre à luz de um sistema de valoração que supostamente os sustenta. Essa exemplaridade leva o crítico a considerar que alguns poemas, como “Chuva Oblíqua”, não são compreensíveis sem a teoria que lhes está por detrás. Em que pesem as análises literárias tomadas como exemplo durante a reflexão, esse é um risco inerente ao método que embasa todo o livro, mais voltado à teoria do que à prática poética pessoal.

▲ **LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado: leitura estruturante do drama em gente*. Porto: Inova, 1973.**

Em seu livro mais ousado sobre o poeta que tanto amou e por quem tanto escreveu, Eduardo Lourenço propõe uma sofisticada interpretação da heteronímia. Sua gênese revela duas lutas profundas, a de Lourenço com o crítico forte que o precede e com quem trava incansável diálogo, João Gaspar Simões, e aquela outra, que enxerga como propulsora do drama heteronímico, que se travaria entre Pessoa e Walt Whitman. Em ambas está latente o mistério da filiação. Para o crítico, o drama em Pessoa reside na consciência infeliz de sua impotência criadora, nos dois sentidos que o termo encerra. O diálogo com Gaspar Simões é patente, seja na atenção devotada à nostalgia da infância como centro da pulsão poética de Pessoa, seja na visão da heteronímia como encenação erótica, através da qual a ocultação, a idealização ou mesmo o horror ao sexo são sublimações de sua “sexualidade branca”, ou ainda na interpretação da ausência do pai de Pessoa, na vida e na obra, em paralelo com a rasura de Whitman. Do sombreamento freudiano desse drama interior, Caeiro e Campos seriam herdeiros simetricamente opostos do mesmo Whitman, ou tentativas de vencê-lo em níveis diferentes. Lourenço interpreta a ocultação do poeta americano em Caeiro como a “comédia trágica da heteronímia”: enquanto Campos se aproxima de Whitman e satura-se da realidade por ele revelada, Caeiro é a sua negação, a busca do seu oposto como forma de fingir-se feliz. Já Reis, poeta da sabedoria triste, elegia de uma consciência eivada de angústia moderna, que teme o tempo e a morte, encerraria um Pessoa discreto, provisoriamente indiferente, buscando recuperar a lucidez no tom elevado da forma

clássica, a salvação voluntária pela resignação diante do real. Rer *Fernando Pessoa revisitado* talvez acarrete na datação do seu psicologismo de base, mas também na identificação de um dos mais altos exemplos que podemos obter do ensaísmo em língua portuguesa.

▲ **SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1974.**

O conhecido título de José Augusto Seabra é a versão portuguesa, publicada no Brasil, da tese defendida em 1971, sob orientação de Roland Barthes, intitulada *Analyse structurale des hétéronymes de Fernando Pessoa: du poemodrame au poetodrame*. Em resposta ao programatismo voluntarista defendido por Lind em *Teoria poética de Fernando Pessoa*, Seabra aborda teoria e criação como componentes que se interpenetram numa contínua encenação intertextual. Sublinhe-se, portanto, como traço de seu método crítico, a atenção conferida à relação dialógica entre a linguagem poética e a sua metalinguagem crítica. Sua tese destina-se a iluminar a teia intertextual interna que conforma o conjunto estruturado da obra pessoana, destacando, sempre no âmbito da linguagem, as múltiplas conexões que os poetas líricos dramatizam entre si. Dando sequência a uma tarefa iniciada, a bem considerar, por Jacinto do Prado Coelho, Seabra identifica em todas as instâncias poemáticas, heterônimos e ortônimo, a reiteração dos seguintes binômios: “ser/não-ser”, “tudo/nada”, “dentro/fora”, “sentir/pensar”. Este o poemodrama, em função do qual o poetodrama se perfaz – intuição, aliás, apreendida de Casais Monteiro, e aqui levada adiante: ao invés de serem criadores de obras, os heterônimos são criados por elas, em segunda instância. De acordo com o crítico, ao “falhar” na construção de um poema dramático, *Fausto*, e de um drama, *O Marinheiro*, em que não se verifica ação (sem drama, portanto), Pessoa vislumbrara a possibilidade de objetivar sua desintegração subjetiva. Assim, a dramaticidade da obra não se realiza dentro dos parâmetros do gênero, em atos ou ação, mas na sua transposição lírica para os heterônimos. Note-se que ao encará-los como subjetividades construídas dramaticamente, Seabra rejeita o diapasão psicológico de leitura, para considerar Pessoa como um ser de linguagem. Daí não procurar uma chave explicativa

para a obra, tampouco resultar dessa abordagem uma nova imagem forte de Pessoa, a exemplo das produzidas por Gaspar Simões e Eduardo Lourenço, mas uma leitura sistemática do tecido intratextual composto por um conjunto solidário de réplicas e reiteraões.

▲ SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & C^a Heterónima*. Volumes 1 e 2. Lisboa: Edições 70, 1982.

É um privilégio ler o que um grande poeta tem a dizer sobre outro grande poeta. Neste caso, mais do que um depoimento, trata-se dos estudos analíticos de um poeta que foi, também, um dos principais críticos portugueses. Os vinte e três ensaios (na terceira edição) que Jorge de Sena escreveu sobre Fernando Pessoa estendem-se por quatro décadas (1940-1978), tendo sido reunidos postumamente por sua esposa e editora, Mécia de Sena. Eles testemunham um diálogo tenso e uma relação atávica com a obra de Pessoa, a ponto de, uma vez absorvida por ele, tanto o Sena poeta quanto o Sena crítico terem passado a responder-lhe diretamente. É de se supor que o atraso na publicação desses textos em livro tenha prejudicado a divulgação de alguns dos estudos que, vistos em retrospectiva, podem ser considerados como seminais da crítica pessoana. Esses trabalhos revelam uma visão muito aguda e pioneira da proposta estética de Pessoa, sobre a qual, já em 1940, Sena afirmava, na “Carta a Fernando Pessoa”, que “V. quando escreveu em seu próprio nome, não foi menos heterônimo do que qualquer deles”. Apesar de essa ser uma ideia muito difundida posteriormente, raras vezes encontramos referida a sua origem. A compreensão de que a poesia ortônima compõe a máscara atrás da qual se oculta o *homem* Fernando Pessoa será central para que Sena desenvolva a sua leitura da “ciência de não-ser” e do “heterônimo Fernando Pessoa”. Trata-se de uma visada crítica que procura se afastar do “freudismo” praticado pela crítica presencista, nomeadamente pela figura de João Gaspar Simões, buscando revelar o poeta como “um moderno”, ou seja, movido por princípios estéticos de ruptura com as convenções poéticas estabelecidas, sobretudo no que diz respeito às noções de “expressão” e “sinceridade”. Dentro dessa perspectiva, Sena coloca

em primeiro plano a formação literária de Pessoa, obtida em Durban, revelando a importância da literatura e da língua inglesa para a sua criação. Tal inflexão teórica não impede, no entanto, que Sena recaia na mesma intenção explicativa de viés psicológico do “caso Pessoa”, que moveu sua primeira geração crítica: o conceito de “sublimação” relacionado à ideia de “evolução” pode ser considerado estrutural no método que adota. Os estudos também permitem acompanhar a trajetória de Sena enquanto editor e tradutor de Pessoa, com o “Prefácio e notas a *Páginas de Doutrina Estética*”, primeiro volume de textos teóricos de Pessoa, reunido e publicado por Sena, em 1946; “Introdução ao *Livro do Desassossego*”, longo ensaio que introduziria a edição de Sena ao *Livro*, que não foi possível concluir; e “O heterônimo Fernando Pessoa e os *Poemas Ingleses* que publicou”, texto introdutório à tradução dos referidos poemas, realizada e publicada por Sena, em 1974.

▲ **PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa – alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.**

A terceira edição deste estudo, publicada em 2001, foi revista e enriquecida com cerca de cem páginas sobre o *Livro do desassossego*, algumas delas entre as melhores já formuladas sobre esta obra cuja primeira edição veio a lume já no mesmo ano da publicação do estudo original da autora. Trata-se de cinco capítulos com profunda coerência entre si, seja por refletirem a mesma concepção geral da poética de Pessoa, seja pelo manifesto apreço pelo sentido maior de sua poesia. Entre os conceitos-chave dessa leitura está a noção de “gênio desqualificado”. A autora mostra que, se no início de sua trajetória um Pessoa megalômano se apresentava como destinado a uma missão civilizacional, adotando a acepção triunfante do gênio romântico, com o passar do tempo a renúncia e o ceticismo com relação a tudo e a si mesmo tomam conta de seus escritos, fruto do gradativo abandono do papel de guia da humanidade e da decorrente assunção das imagens do inadaptado e sem reconhecimento social, do palhaço e do eterno estrangeiro. O percurso que vai do heroísmo carlyleano ou hugoano ao solipsismo decadente de Baudelaire e Dostoiévski, oferece-nos um drama bem pessoano – o de sua constante autodesqualificação. Na sequência, nos deparamos com a

leitura de Pessoa como o poeta da extrema lucidez sobre as falácias do sujeito. Ficção da linguagem, Pessoa seria o poeta da renúncia da personalidade. A concepção central deste livro é, afinal, a de que a poética da inteligência vai paulatinamente desintegrando o ser, dispersando a personalidade, a tal ponto que sua consciência possa ser considerada como “máquina infernal de produção do vácuo”. A experiência de um “sujeito vazio”, ao invés de um sujeito multiplicado ou dividido, está na base da heteronímia, que, não sendo simples invenção artística, é, segundo a autora, fruto dessa falta de ser, ou melhor, desse excesso de desejo de ser. Operando através de uma leitura lacaniana de Pessoa, Leyla protege-se do ocultismo, da falácia psicobiográfica e das demais ilações deterministas, na medida em que abandona verdades supostamente latentes no indivíduo para atingir um inconsciente estruturado como linguagem, isto é, o sujeito Pessoa como um significante vazio e em permanente construção. Já em “Caeiro Zen”, o quarto e último capítulo da primeira edição do livro, a autora propõe um surpreendente procedimento de leitura da poesia deste heterônimo, segundo um jogo de aproximações com e afastamentos do Zen-budismo. Daí resulta uma leitura do Poema VIII do “Guardador de Rebanhos”, segundo a qual o “menino Jesus”, distante do idealismo cristão, está em especial conformidade com a prática Zen, por não ensinar a ver nas coisas nada que não elas mesmas. No desenvolvimento dessa proposta de leitura, a autora pinça um grande número de haicais dos poemas, reveladores de sua proposição sensacionista, para em seguida assinalar que o que impede o poeta de escrever apenas haicais é o mesmo que o impede de ser efetivamente o “mestre”, isto é, a sua desconfiança da simples percepção do real das coisas. Caeiro não é capaz de perder-se no objeto, de ser, como ele próprio afirma, do tamanho do que vê, porque sua poesia está assentada num “paradoxo axial”: a todo momento pensa que não deve pensar, afirma que nunca afirma. *Fernando Pessoa – alguém do eu, além do outro* marca um momento nodal na fortuna crítica pessoana, até então eivada de uma linguagem e de um método estabelecidos por Gaspar Simões e que, apesar das modalizações e reavaliações excepcionais de Sena e Lourenço, não haviam sido completamente reformulados.

▲ GIL, José. *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.

Escrito originalmente em francês, *Fernando Pessoa ou la métaphysique des sensations* é o primeiro dos quatro livros de um dos principais pensadores de nosso tempo a respeito de Fernando Pessoa, o filósofo moçambicano e professor da Universidade Nova de Lisboa, José Gil. Não há, sobre o pensamento pessoano, tomado em suas diversificadas facetas, às quais se deve incluir a literária, obra equiparável à de José Gil em extensão e profundidade. Neste primeiro livro, a autorreflexão sobre o processo criador, seja ela realizada nos textos crítico-teóricos do escritor, seja nas inúmeras vezes em que está integrada em sua obra literária, é considerada na forma de um laboratório de linguagem que faz com que os temas e os procedimentos fundamentais da poesia girem em torno de um núcleo comum: o sensacionismo. A doutrina das sensações, por mais esparsa e fragmentada que seja, é aqui encarada como foco irradiador de um programa experimental coerente, voltado ao princípio que norteia a arte poética pessoana: “sentir tudo e de todas as maneiras”. Para sentir artisticamente, no entanto, que é mais do que sentir no plano real, Gil explica que o poeta deve torna-se um conversor de sensações em palavras e frases, que não se destinam a simplesmente dizê-las, mas a analisá-las e desdobrá-las. Para que o sensacionista possa transformar-se nessa máquina capaz de metamorfosear fenômenos reais em intelectuais, deve tanto sentir intelectualmente quanto de diferentes maneiras. Eis o que abala a suposta integridade do caráter individual, o desassossego, condição existencial de Soares que, desde o início deste livro, é privilegiado na leitura de Gil como exemplo máximo do outramento e como sentimento necessário para o devir-outro. Assim, diluída a pretensão de Pessoa a um sujeito artístico uno, a heteronímia passa a ser uma condição para o sensacionismo e a solução dos problemas por ele gerados, e Soares uma atmosfera propícia, um espaço experimental para as sensações. Dentre estas, Gil explica que o ponto culminante do sensacionismo está em provocar no leitor uma “emoção metafísica”, isto é, a sensação do mistério da existência e os questionamentos derivados dela. Para provocá-la, é preciso atingir o plano expressivo, apenas possível quando o poeta passa do plano da sensação para o da consciência da sensação, e desta para uma consciência autorreflexiva, consciente de si mesma. Note-se que esta já não é uma proposta que se destina ao comentário literário ou a simplesmente refletir a respeito de um tema, mas a pensar em conjunto com o

sensacionismo, de forma descritiva, hermenêutica e suplementar. Seguindo esse método, José Gil construiu uma das mais penetrantes análises do complexo sentir-pensar pessoano.

▲ **BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. 2ª ed. Trad. de Maria Abreu e Pedro Tamen. Rio de Janeiro: Record, 1999 [1996 ed. francesa].**

Não deve, ou não deveria ser, um comentário supérfluo sobre a biografia escrita por Bréchon, começar pela constatação de que se trata de um dos textos mais agradáveis de se ler sobre Fernando Pessoa. Apesar das suas cerca de 600 páginas, nenhuma das biografias anteriores atingiu a mesma agilidade, precisão e clareza que este *Estranho estrangeiro*. Longe de aspirar à erudição, que muitas vezes se revela inócua nesse gênero de trabalho, Bréchon dedica-se à depuração textual dos trabalhos anteriores, atentando para o principal: o essencial da biografia de Pessoa foi vivido em função de sua obra. Sem incorrer nos exageros de ordem explicativa que o tempo se ocupou de cristalizar ou na obsessão por narrar detalhes da vida do escritor, Bréchon enfatiza, com elegância analítica e repertório cultural diferenciado, o grande poeta que Pessoa foi, revelando uma visão a um só tempo orgânica e madura da obra e suas partes. Valeu-se para tanto, e em larga escala, das pesquisas mais amplas realizadas por dois de seus biógrafos predecessores. Dentre eles, se o retrato místico de António Quadros e a fotonarrativa de Maria José Lancastre são aparições episódicas na obra, a referência incontornável de Gaspar Simões e o trabalho penetrante, embora esquecido entre nós, de Ángel Crespo, comparecem com assiduidade, quase sempre a título de apelo ou reiteração do discurso, no decorrer da leitura. Note-se, entretanto, que apesar de Bréchon demonstrar especial atenção para a abordagem literária, como se pretendesse seguir as pistas poéticas de uma biografia, a estrutura de seu livro, visível na ordenação dos títulos dos capítulos, é claramente embasada em *Vida e obra*, de Gaspar Simões. Imune, como seria de se esperar, ao diapasão edipiano, Bréchon é seduzido pela orientação evolutiva conferida à obra por seu primeiro biógrafo e revisitada com apuro analítico nos ensaios de Jorge de Sena.